



**NOVAS
RAIZES
ROSANA
PAULINO**



CURADORIA
LUCAS ALBUQUERQUE

MINISTÉRIO DA CULTURA E KLABIN S.A. APRESENTAM
THE MINISTRY OF CULTURE AND KLABIN S.A. PRESENT

ROSANA PAULINO – NOVAS RAÍZES |
ROSANA PAULINO – NEW ROOTS

26 de setembro de 2024 — 26 de janeiro de 2025
September 26th, 2024 – January 26th, 2025

Curadoria | Curator
Lucas Albuquerque

SUMÁRIO

P328n

Paulino, Rosana, 1967-

Novas raízes / Rosana Paulino ; curadoria: Lucas Albuquerque ;
coordenação e produção editorial: Rodrigo Andrade Alvarenga ;
revisão: Rosalina Gouveia ; versão para o inglês: Aicha Barat ; projeto
gráfico: Luciano Palheta e Luana Luna. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
AREA27, 2025.

82 p. : il. color.

Publicação digital (e-book) no formato PDF.
Catálogo da exposição realizada na Casa Museu Eva Klabin, no
Rio de Janeiro, de 26 de setembro de 2024 a 19 de janeiro de 2025.
Texto em português com tradução em inglês.

ISBN 978-65-85719-15-5

1. Paulino, Rosana, 1967- – Exposições. 2. Arte brasileira – Sec.
XXI – Exposições. I. Albuquerque, Lucas. II. Alvarenga, Rodrigo
Andrade. III. Gouveia, Rosalina. IV. Barat, Aicha. V. Palheta,
Luciano. VI. Luna, Luana. VII. Título.

CDD- 709.81

APRESENTAÇÃO

JOSÉ PIO BORGES

06

NOVAS RAÍZES

LUCAS ALBUQUERQUE

10

APRESENTAÇÃO

JOSÉ PIO BORGES

A Casa Museu Eva Klabin, instituição carioca que abriga uma das mais importantes coleções de arte clássica dos museus brasileiros, mantém uma longa tradição de diálogo entre seu acervo e a arte contemporânea.

Desde 2004, promove exposições de artistas convidados, cujas intervenções buscam estabelecer pontes entre a arte consagrada do passado e as manifestações contemporâneas, proporcionando novas experiências e leituras de seus espaços e coleções.

Assim, é com imenso prazer que a Casa Museu Eva Klabin apresenta a exposição “Novas raízes”, que celebra os 30 anos de carreira da consagrada artista paulistana Rosana Paulino. Com uma trajetória única e influente, a artista traz à tona discussões sobre memória, natureza, identidade e história afro-brasileira, em uma exposição que ocupa os dois andares da casa-museu.

Uma oportunidade única de ver a obra de Rosana Paulino em relação direta com um acervo clássico. São trabalhos que resultam da extensa pesquisa da artista acerca da arquitetura e das coleções da instituição, propondo uma revisão histórica e reflexões sobre a produção contemporânea em diálogo com novas leituras de mundo.

The Eva Klabin Museum, a Rio de Janeiro-based institution that houses one of the most important classical art collections among Brazilian museums, has a long-standing tradition of fostering dialogue between its collection and contemporary art.

Since 2004, the museum has hosted exhibitions of invited artists, whose interventions seek to build bridges between the celebrated art of the past and contemporary expressions, enabling new experiences and perspectives on its spaces and collections.

Therefore, it is with great pleasure that the Eva Klabin Museum presents the exhibition “New Roots”, celebrating the 30-year career of acclaimed São Paulo artist Rosana Paulino. With a unique and influential trajectory, Paulino brings to light discussions on memory, nature, identity, and Afro-Brazilian history in an exhibition spanning both floors of the house museum.

This is a unique opportunity to experience Rosana Paulino's work in direct dialogue with a classical collection. The pieces on display emerge from the artist's extensive research into the architecture and collections of the institution, proposing a historical reexamination and reflections on contemporary production while engaging with new perspectives on the world.



NOVAS RAIZES

LUCAS ALBUQUERQUE

De um lado, o jardim: local de repouso e meditação sob a égide da botânica, com seu poder regenerativo que nos afasta da dureza da cidade. Situado na parte externa da casa da colecionadora Eva Klabin (1903–1991), integra plantas como o guaimbé, o lírio-amarelo-dos-pântanos, a comigo-ninguém-pode, a flor-de-coral e outras espécies de clima tropical. O projeto de execução e manutenção, datado de julho de 1975 e assinado pelo escritório do paisagista Roberto Burle Marx, não esconde que o espaço foi produzido à imagem e semelhança do homem, seguindo o estilo de sua época. O jardim não é, portanto, a natureza em formato reduzido, mas conta com o seu esquema simbólico próprio. Aqui, torna-se o elemento sobre o qual repousa a paisagem domesticada, ordenada e enquadrada pelas paredes de vidro da casa que se abrem para ela. Reflete a busca pela alegria e mansidão almejadas por sua antiga dona. Nunca, contudo, adentra o recinto do saber e da racionalidade, o interior.

Do outro lado, a mata. Aos fundos do terreno, uma escadaria leva para o inebriante resquício de uma Mata Atlântica sobrevivente, pouco alterada pela ação humana, onde enormes filodendros, lírios-da-paz, *Alpinias purpurata* e outras espécies crescem de maneira desordenada e espontânea. Sem o limite da moldura e da mão que poda, a natureza é percebida na figura do selvagem, produzindo horror pela desmesura daquilo que foge ao controle humano. Tal é o esforço da paisagem — e, portanto, dos jardins: substituir sua prima indomada por um análogo civilizado, consciente de seu lugar na hierarquia em que o homem converge ao centro da composição. Assim se desdobra toda uma história da arte (com sua natureza pitoresca, afoita à sensibilidade de uma aristocracia europeia), das ciências (que insiste na supremacia da inteligência de 0,4% de vida animal em detrimento de 83% de matéria botânica), e da racialidade (que subjuga formas de vida não brancas a violências de dominação e extirpação análogas às do biosistema).

É nessa aliança tripartida que Rosana Paulino investiga as forças da simbiose do corpo negro junto das plantas. Mediante uma extensa e cuidadosa pesquisa realizada ao longo do ano no jardim e na coleção de Eva, a artista invoca para o espaço privado a memória de um mutualismo, um relacionamento entre espécies distintas. Mulheres-plantas, nascidas do encontro da mulheridade amefricana com as folhas sagradas, resguardam a passagem de recintos da casa, enquanto recortes e representações fotográficas de pessoas escravizadas no Brasil convivem com imagens da vida botânica. Trata-se de seres que não só testemunharam a violenta colonização, mas também atuam hoje como curandeiros do trauma brasileiro. É através da celebração da ancestralidade e da fé no axé, do debate sobre a colonialidade e da defesa de uma escuta dos ensinamentos da natureza que Paulino propõe um vislumbre possível de futuro.

Se, no primeiro andar, a botânica nos conduz pulsando em força e pujança, em cima, ela nos aguarda em tom de

questionamento. Recepcionando o visitante que sobe as escadas, *Paraíso tropical* (2017) sutura um corpo social montado a partir de ilustrações da fauna e da flora brasileira, estudos antropométricos eugenistas e fotografias de mulheres negras. A composição ressoa, aos olhos europeus do século XIX, o estudo dos seres vivos que se apresentavam como obstáculo à civilidade — neste caso, a distinção entre o humano e o não humano severamente violado pela experiência da escravidão —, enquanto tece uma crítica acerca dos parâmetros que formam nossos campos sociais, científicos e artísticos. A obra se junta a outras que, no segundo andar, travam um debate sobre o lugar da mulher negra na esfera privada.

Ao fim do percurso, no quarto, duas instalações prestam reverência às amas de leite: mulheres negras que eram obrigadas a dar seu leite materno ao bebê branco em vez de amamentar seus próprios filhos. A posição, naturalizada até a abolição da escravatura no Brasil, foi imortalizada em registros fotográficos produzidos pela elite. Neles, as amas posavam junto dos seus “pequenos senhores” por minutos a fio, imóveis. O caso de Mônica é uma exceção em virtude da conservação de seu nome próprio, que acompanhou suas fotografias não em uma, mas em duas ocasiões ao decorrer de sua vida: a primeira em 1860, por João Ferreira Vilela, e a segunda entre 1877 e 1882, por Alberto Henschel. Vestida em trajes de luxo, Mônica é retratada jovem, ao lado de um menino, e anos depois, mais velha, carregando cabelos brancos e marcas de expressão obtidas pela dureza da sua condição. Mantida na família como ama-seca após alimentar os descendentes de seus algozes, deduz-se que ela tenha alcançado o direito de permanecer em seus aposentos depois de décadas de serviço. É no cerne de uma fotografia familiar, cuja tensão de tais violências coloniais se instaura, que os olhos penetrantes e a postura altiva de Mônica saltam como um levante de resistência e, ao seu modo, um verdadeiro ato de resiliência.

Hoje, Rosana reserva para ela — e para tantas mulheres, suas ancestrais em memória e vida — um espaço de descanso. No movimento forçado que as trouxe até estas terras, há, enfim, a possibilidade de assentar e formar as raízes de um novo amanhã. Aqui, novamente, temos muito a aprender com as plantas: em Nevada, nos Estados Unidos, a espécie *Pinus longaeva* representa a árvore mais antiga de que se tem registro no mundo, ultrapassando a marca de 4.600 anos. Nascendo até 2.500 metros acima do nível do mar, tais pinheiros se desenvolvem no limite do possível: o solo, de origem dolomita, é tão pobre em água e nutrientes que as árvores crescem atrofiadas e retorcidas. Esses seres elaboraram tecnologias de sobrevivência e longevidade em meio à adversidade. Suas irmãs, encontradas na Califórnia, não chegam nem perto dos recordes encontrados nas montanhas brancas.

Entre as marcas e suturas do trauma histórico e as informações carregadas nas raízes das árvores, rotas de sobrevivência e estratégias de cura são compartilhadas. Saibamos escutar as mulheres-plantas.

On one side, the garden: a resting and meditation place under the oversight of botany, with its regenerative power that distances us from the harshness of the city. Located outside the house of collector Eva Klabin (1903-1991), it includes plants such as the tree philodendron, the yellow iris, the dumbcane, the firecracker plant, and other species from tropical climates. The design and maintenance project, dating back to July 1975 and signed by the office of landscape architect Roberto Burle Marx, clearly shows that the space was created in the image and likeness of man, following the style of his time. The garden is not, however, nature in miniature, but holds its own symbolic framework. Here, it becomes the element upon which lies the domesticated landscape, ordered and framed by the glass wall of the house that opens on to it. It reflects the search for joy and tranquility sought by its former owner. However, it never enters the realm of knowledge and rationality, that is, the interior of the house.

On the other side, the forest. At the back of the property, a staircase leads to the overwhelming remnant of a surviving Mata Atlântica [Atlantic Forest], barely altered by human action, where giant philodendrons, peace lilies, *Alpinias purpurata* and other species grow in a disordered and spontaneous manner. Without the limit of framing or of the hand that prunes, nature is perceived as a representation of the savage, producing horror because of the excess of what escapes to human control. Such is the effort of landscaping — and, therefore, of the gardens: to replace its untamed relative by a civilized analogue, aware of its place in the hierarchy ruled by men at the center of the composition. Thus, unfolds an entire history of art (with its picturesque nature, eager to satisfy the sensibility of a European aristocracy), of science (which insists on the supremacy of intelligence of 0,4% of animal life over 83% of the botanical matter), and of race (which subjugates non-white forms of life to the violence of domination and eradication analogous to those found in the biosystem).

It is within this tripartite alliance that Rosana Paulino investigates the forces of the symbiosis of the Black body with plants. Through extensive and careful research carried out over a year in Eva's garden and collection, the artist invokes the memory of mutualism, a relationship between distinct species, within the private space. Plant-women, born of the encounter of Amefrican¹ womanhood with sacred leaves, guard the passage of the house, while cutouts and photographic representations of enslaved people in Brazil coexist with images of botanical life. These beings not only witnessed violent colonization but also act today as healers of Brazilian trauma. It is through the celebration of ancestry and faith in axé [the Yoruba word for pure potentiality; the power-to-make-things-happen; energy], the debate on coloniality, and the defense of listening to nature's teaching, that Paulino envisions a possible glimpse of the future.

If, on the first floor, botany guides us pulsating with strength and vitality, upstairs it awaits us with a tone of questioning. Welcoming the visitor that goes up the stairs, *Paraíso tropical*

[Tropical paradise] (2017) assembles the social body made from illustrations of Brazilian fauna and flora, eugenic anthropometric studies and photographs of Black women. The composition resonates, in the eyes of 19th century Europeans, the study of living beings that would present themselves as obstacles to civility — in this case, the distinction between human and non-human, is severely violated by the experience of slavery —, while weaving a critique of the parameters that shape our social, scientific and artistic fields. The work joins others on the second floor that engage in a debate about the place of Black woman in the private realm.

At the end of the exhibition, in the bedroom, two installations pay tribute to the wet nurses: Black women who were forced to give their breast milk to white babies instead of breastfeeding their own children. This role, normalized until the abolition of slavery in Brazil, was immortalized in photographic records produced by the elite. In these images, the wet nurses posed with their “little masters” for several minutes, motionless. Mônica's case is an exception due to preservation of her forename, which accompanied her photographs on not one, but on two occasions over the course of her life: the first, in 1860, by João Ferreira Vilela, and the second between 1877 and 1882, by Alberto Henschel. Dressed in luxurious clothes, Mônica is portrayed as a young woman, with a boy beside her and years later, at an older age, with gray hair and expression lines earned because of the harshness of her condition. Kept by the family as a dry nurse after feeding the descendants of her oppressors, it is inferred that she earned the right to remain in her quarters after decades of service. At the heart of a family photograph, where the tension and such colonial violence is established, Mônica's piercing gaze and proud posture stand out like an uprising of resistance and, in her own way, as a true act of resilience.

Today, Rosana reserves for herself, and for so many other women, her ancestors in memory and in life, a place of rest. In the forced movement that brought them to this land there is, at last, the possibility of settling and planting the roots of a new tomorrow. Here, once again, we have a lot to learn from plants: In Nevada, US, the species *Pinus longaeva* represents the oldest recorded tree in the world, surpassing a 4600-year mark. Growing up to 2500 meters above sea level, these pines develop at the edge of what is possible: the soil, of dolomite origin, is so poor in water and nutrients that these trees grow stunted and twisted. These beings have elaborated new survival and longevity technologies amid adversity. Their sisters, found in California, don't even come close to the records set in the White Mountains.

Among the marks and sutures of historical trauma and the information carried in the roots of the trees, survival routes and healing strategies are shared. May we learn to listen to the plant-women.

¹ Key-concept coined by intellectual Lélia Gonzalez. With this category she proposed race on a continental level articulating and incorporating the voices, forms of resistance, language, political experiences, and narratives of Black and Indigenous women in the Americas.

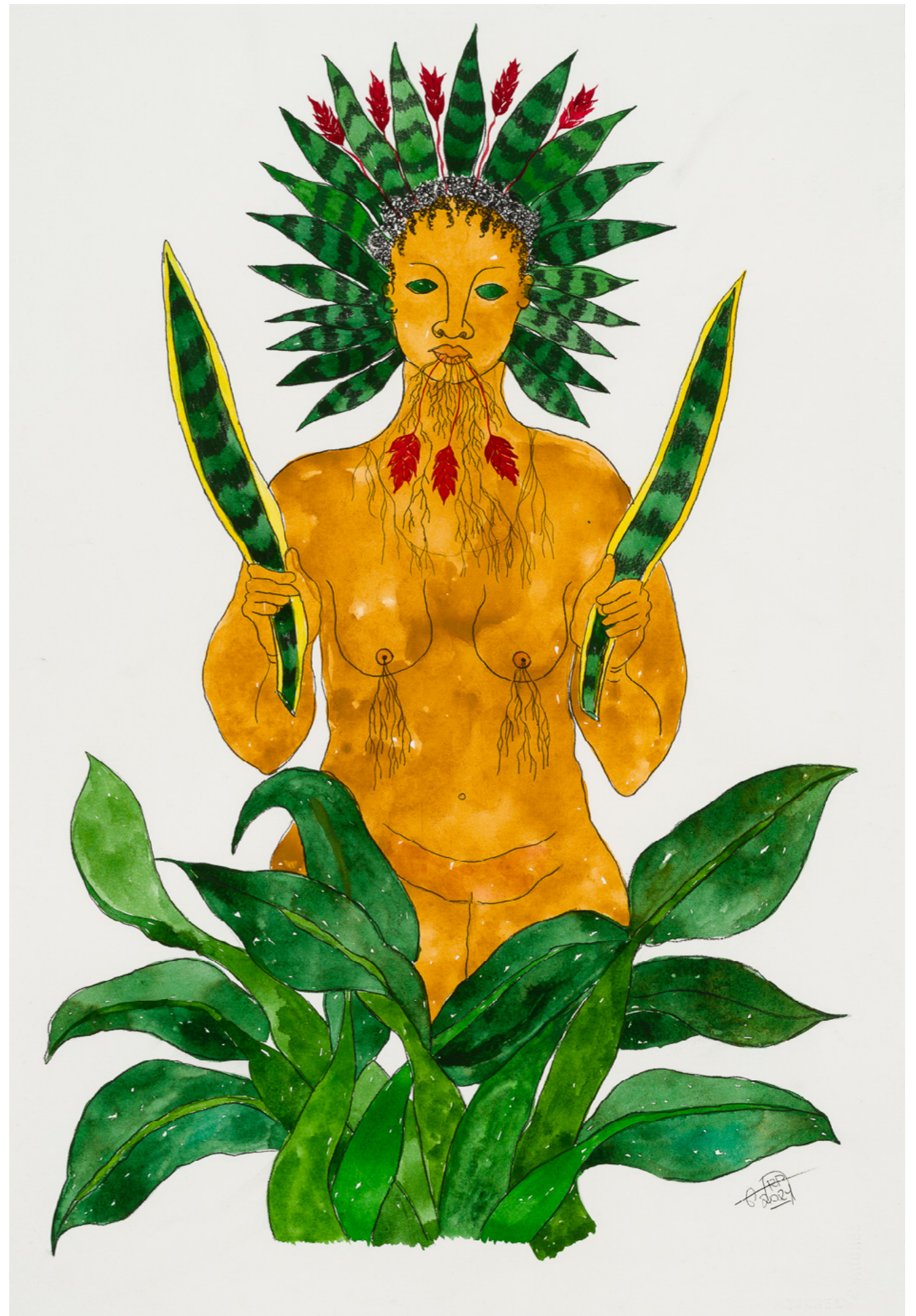




**A espada de Jorge contra
a racionalidade cega, 2024**
George's Sword Against Blind Rationality

Espada-de-são-jorge, globo terrestre, acrílica, aquarela e grafite sobre papel |
Sansevieria, terrestrial globe, acrylic, watercolor, and graphite on paper
Dimensões variadas | Variable dimensions
Coleção da artista e coleção Eva Klabin |
Artist's collection and Eva Klabin Collection







Comigo-ninguém-pode
(da série *Senhora das Plantas*), 2024
Dieffenbachia seguine
(from the Lady of Plants series)

Acrílica líquida, aquarela, grafite, lápis dermatológico e lápis conté sobre papel |
Liquid acrylic paint, watercolor, graphite, dermatologic pencil, and conté pencil on paper
100 x 70 cm
Coleção da artista | Artist's collection





YES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS
ES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS
YES, NOS
TEMOS
YES, NOS TEMOS
ES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS
ES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS
YES, NOS TEMOS







Três vezes coração, 2024
Three times heart

Tecido *voile* e impressão digital em transparência sobre sofá da coleção Eva Klabin | Veil fabric and digital print on transparency on a sofa from the Eva Klabin collection
Dimensões variadas | Variable dimensions
Coleção da artista | Artist's collection

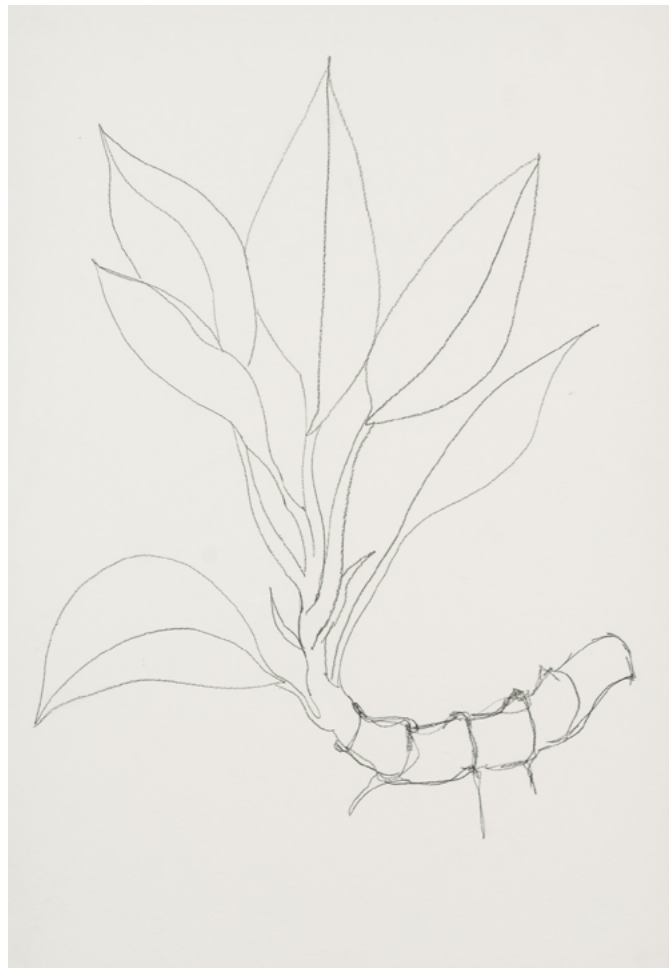




Sem título, 2024
Instalação
Técnica mista | Mixed media
114 x 53 cm
Coleção da artista | Artist's collection

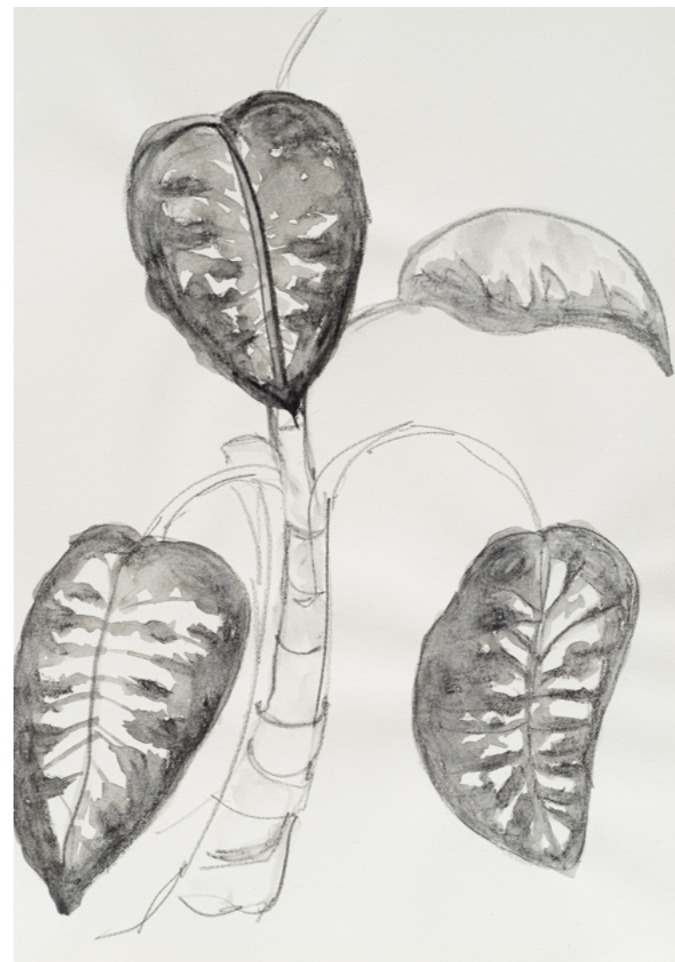
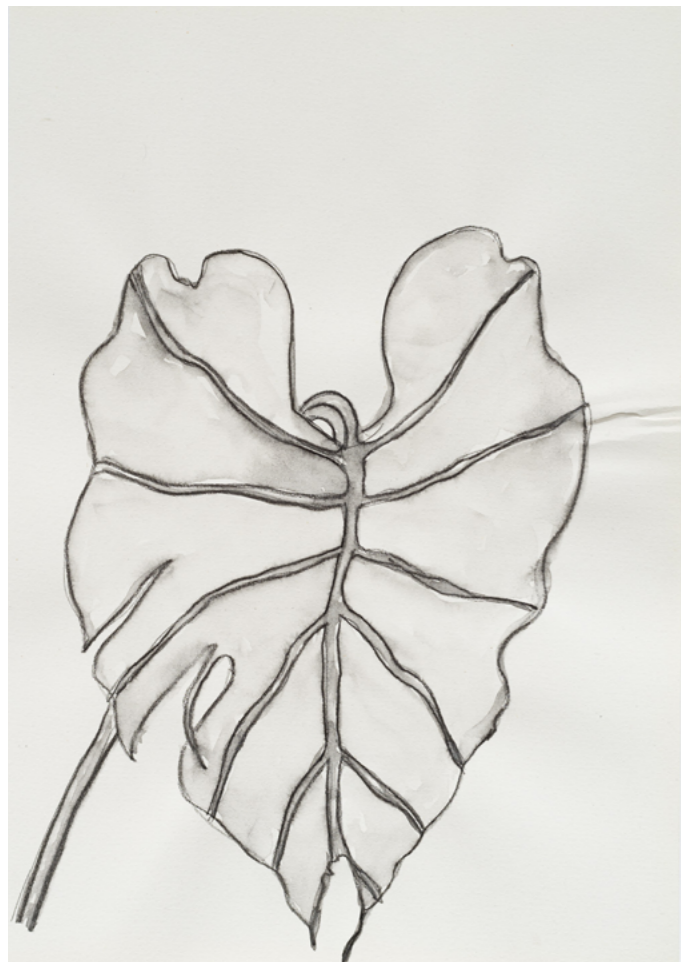
Sem título, 2024
Untitled

Técnica mista | Mixed media
114 x 53 cm
Coleção da artista | Artist's collection



Estudo para Comigo-ninguém-pode, 2024
Study for *Dieffenbachia seguine*

Grafite sobre papel | Graphite on paper
55,5 x 38 cm
Coleção da artista | Artist's collection



Estudos de plantas do jardim, 2024
Study for the Garden's Plants

Técnicas variadas sobre papel |
Variable techniques on paper
29,5 x 20,5 cm
Coleção da artista | Artist's collection

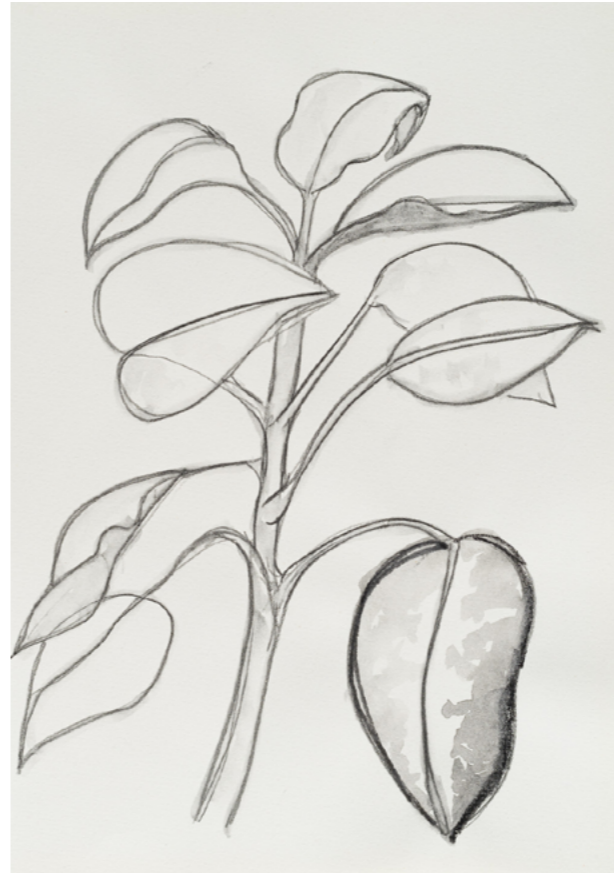
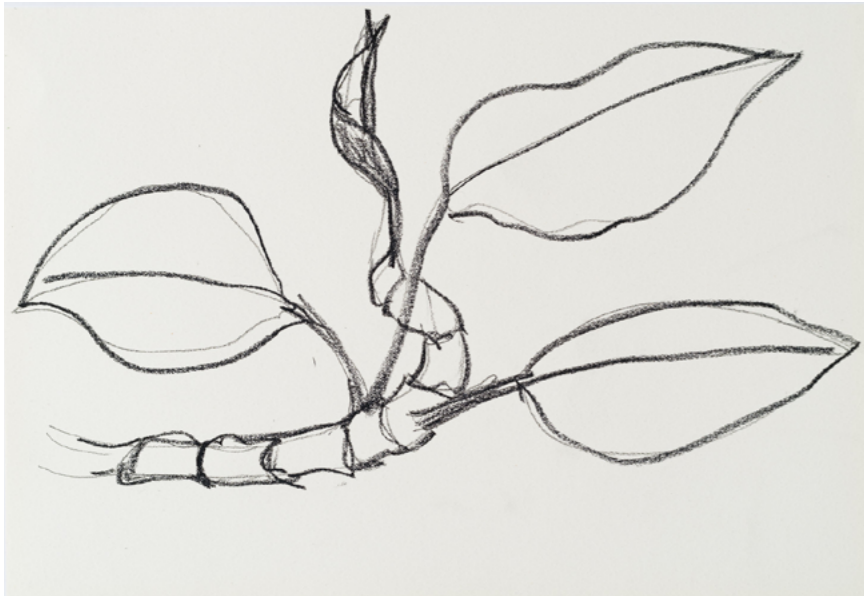
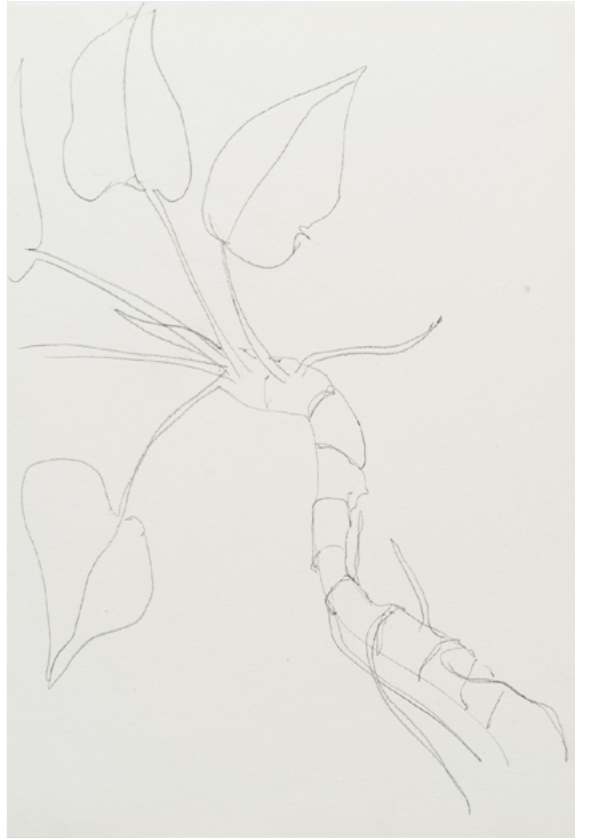


Esquema pt casa Eva
klabin:

Parte de baixo:

- Diálogo como História da arte.
 - + público. Intervenções sl a história da arte, sobre o jardim, sobre as plantas.
 - Parte de cima: + privada.
- Hora do descanso.

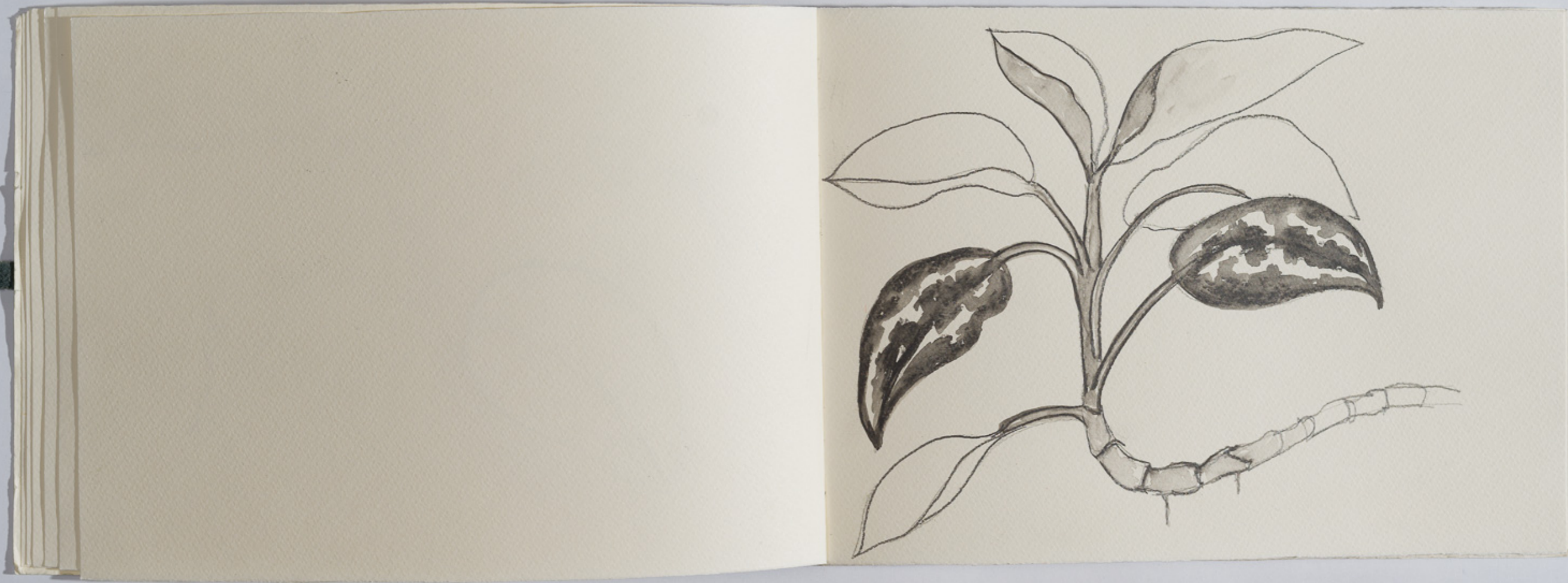
- Parte Externa → sala chinesa: Meu lado "professora". Processos:
- Caderno de Notas
- Comigo Ninguém pode
- Noturnas.

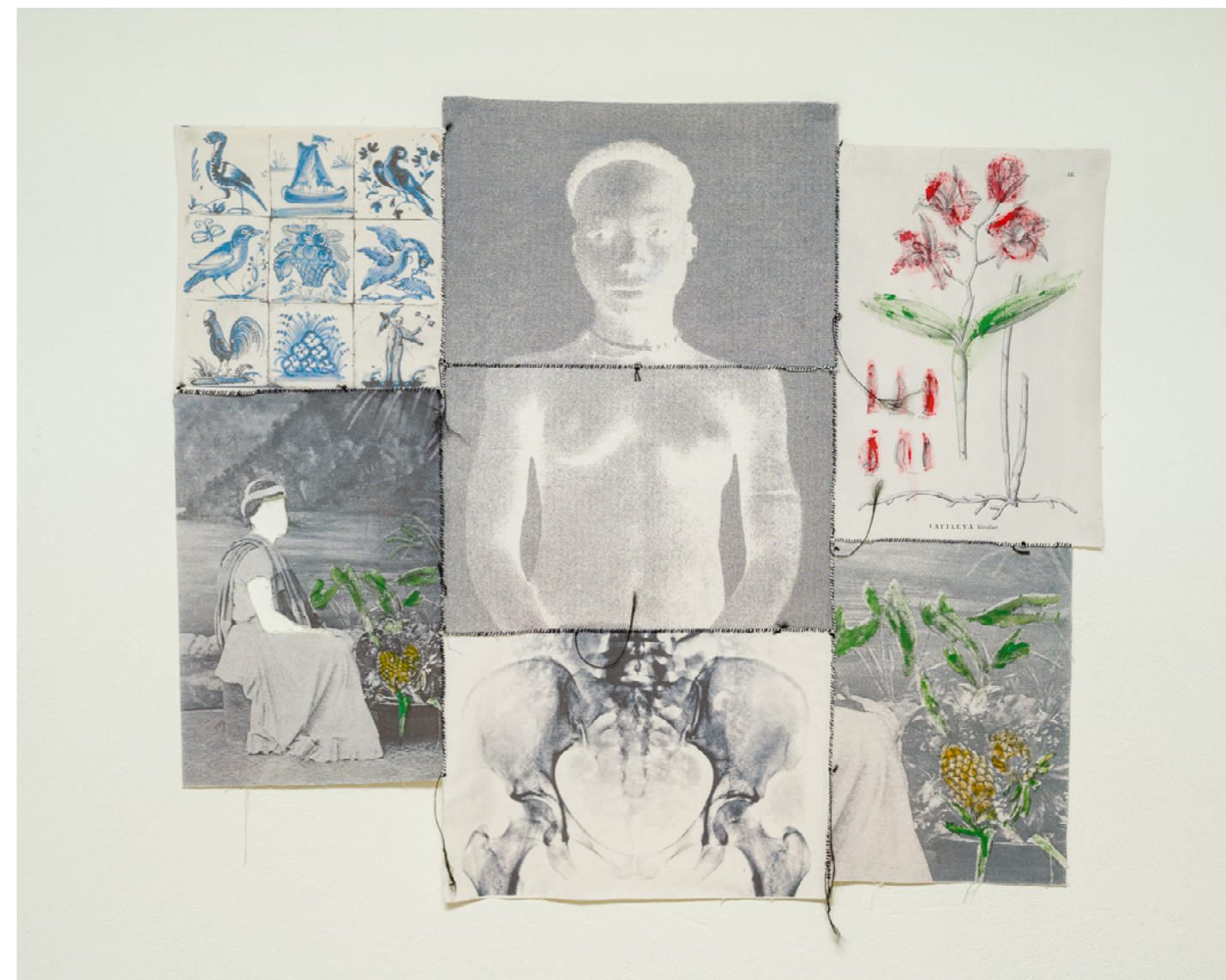


Estudos de plantas do jardim, 2024
Study for the Garden's Plants

Técnicas variadas sobre papel |
Mixed technique on paper
24,5 x 18 cm
Coleção da artista | Artist's collection







Paraíso tropical, 2017

Tropical Paradise

Impressão digital sobre tela, tinta acrílica,
corte e sutura | Digital print on canvas, acrylic paint, cutting, and suture

95 x 109,5 cm
Coleção da artista | Artist's collection





Ama de leite, 2007
Wet nurse

Monotipia em tecido, fitas de cetim, vidro
e fotografias digitais impressas em papel |
Monotype on fabric, satin ribbons, glass and digital photographs printed on paper
255 x 184 x 280 cm
Coleção da artista | Artist's collection





Das avós, 2019
From the grandmothers

Video | Vídeo
9'10" em *looping* | 9'10" loop
Coleção da artista | Artist's collection

São Cristóvão, séculos XVI a XVII
Saint Christopher, 16th to 17th Centuries

Relevo em madeira policromada |
Polychrome wood relief
66,5 x 27 x 4,7 cm
Coleção Eva Klabin | Eva Klabin Collection

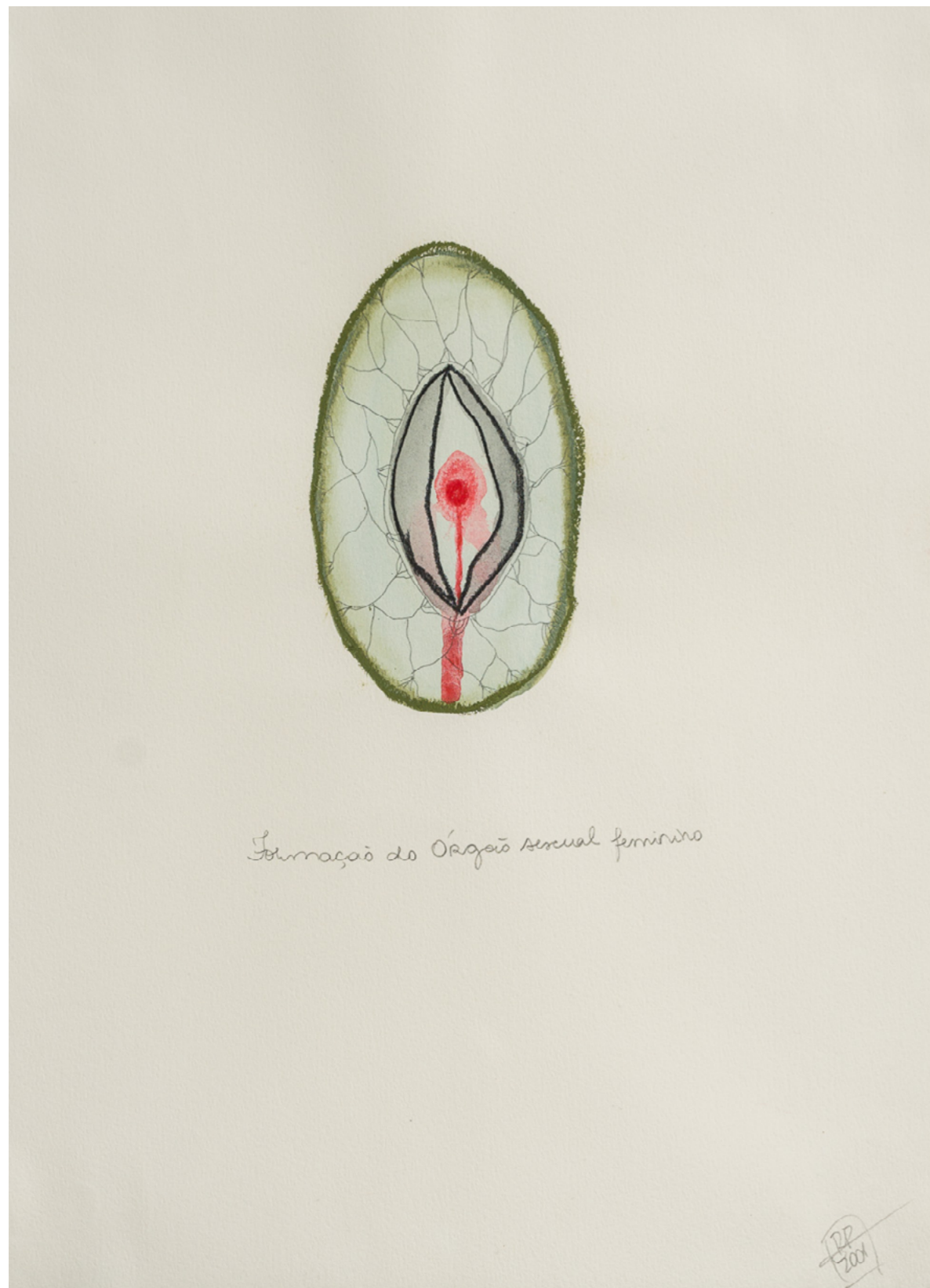
Ainda a lamentar, 2011
Still Mourning

Cerâmica fria, cordão, madeira, plástico e metal |
Cold porcelain, string, wood, plastic, and metal
23 x 8 x 49,5 cm
Coleção Mendes Wood DM |
Mendes Wood DM Collection





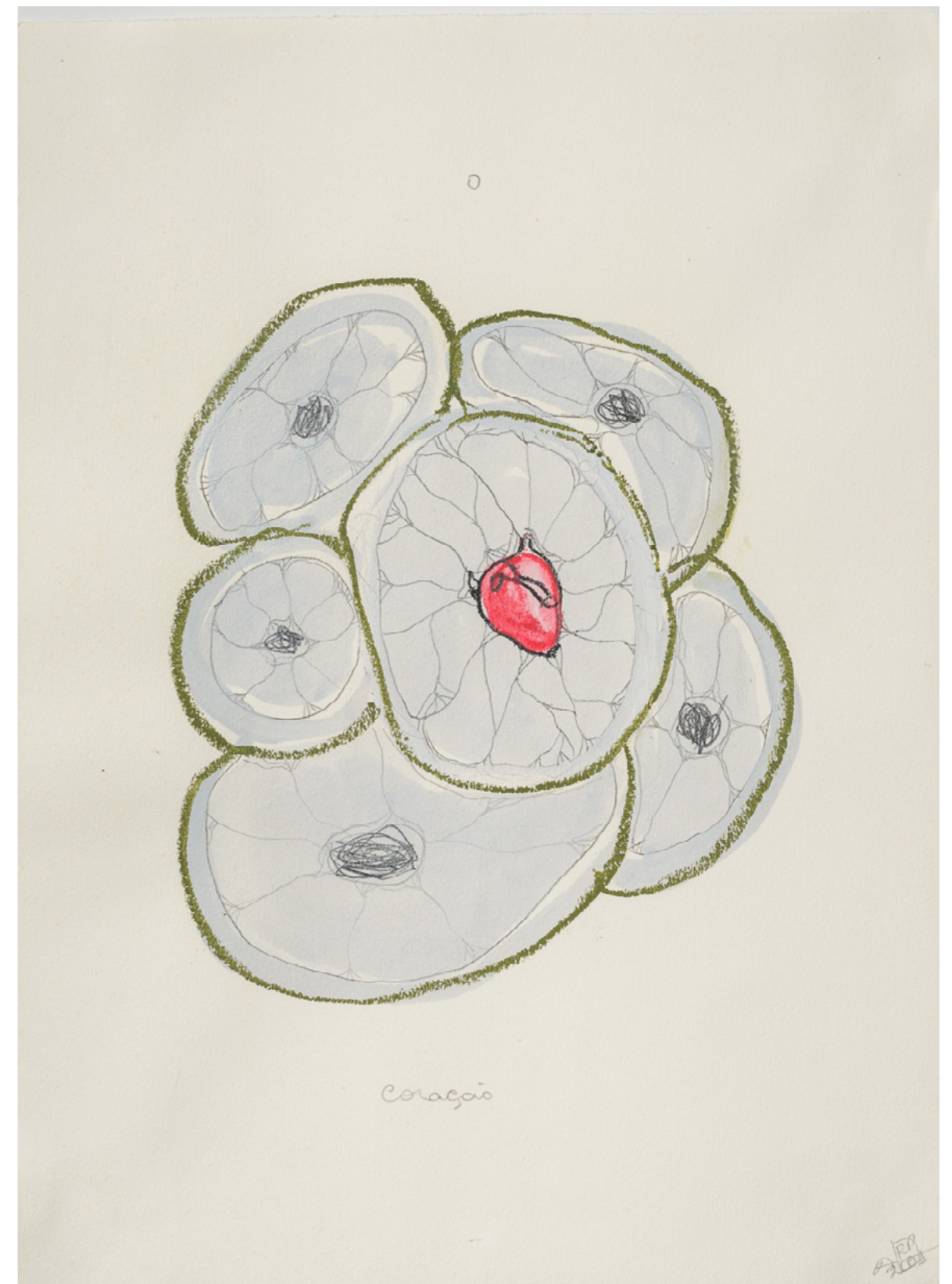




Formação do Órgão sexual feminino

Formação do órgão sexual feminino, 2001
Formation of the female sexual organ

Grafite, óleo pastel e *crayón* sobre papel |
Graphite, oil pastel, and crayon on paper
33 x 24 cm
Coleção da artista | Artist's collection



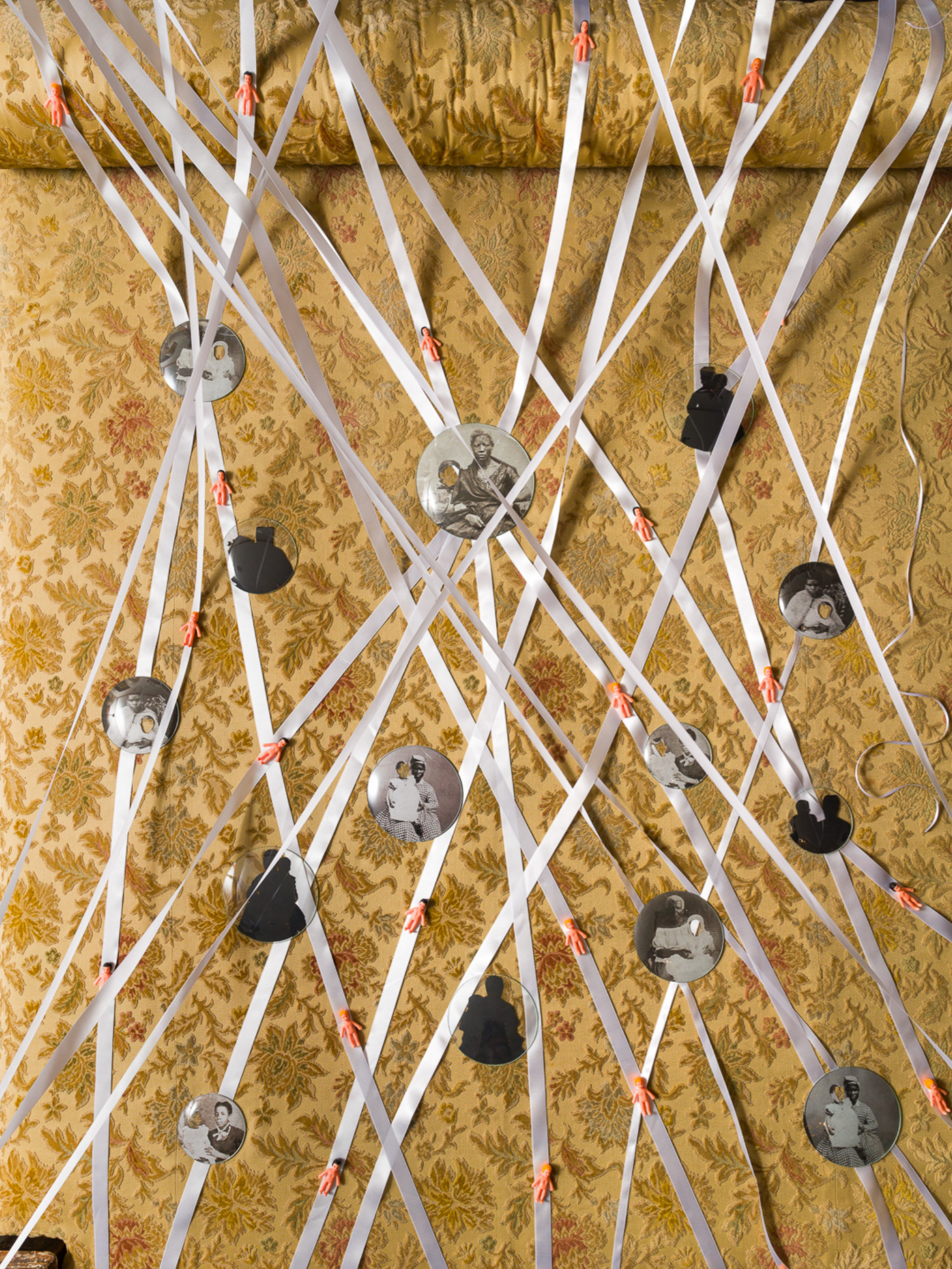
Coração

O coração, 2001
The heart

Grafite, óleo pastel e *crayón* sobre papel |
Graphite, oil pastel, and crayon on paper
33 x 24 cm
Coleção da artista | Artist's collection







Descanso para Mônica, 2024
A rest for Monica

Impressões digitais sobre papel, vidros de relógio, recortes de papel,
fitas de cetim e bonecos de plástico | Digital prints on paper, watch
glasses, paper cutouts, satin ribbons and plastic figurines
Dimensões variadas | Variable dimensions
Coleção da artista | Artist's collection





Mais do que se pode suportar, 2024

More than one can bear

Impressões digitais sobre papel, vidros de relógio, recortes de papel, *paper clay*, bonecos de plástico e flores de tecido | Digital prints on paper, watch glasses, paper cutouts, paper clay, plastic figurines and fabric flowers

Dimensões variadas | Variable dimensions

Coleção da artista | Artist's collection





CASA MUSEU EVA KLABIN

Presidente Emérito | President Emeritus
Israel Klabin

Conselheiro Emérito | Director Emeritus
Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Curadores | Board of Trustees
Lea Klabin [Presidente | Chair]
Celso Lafer
Genny Nissenbaum
Hugo Barreto
João Afonso Assis
Katia Mindlin Leite Barbosa

Presidente | President
José Pio Borges

Diretores | Directors
Sérgio Brilhante de Albuquerque
Stela Klabin
Walfredo Schindler

Diretora Adjunta | Deputy Director
Vanderléa Paiva

Gestor Cultural | Cultural Manager
Diogo Maia

Produção, Marketing e Comunicação |
Production, Marketing and Communication
Rodrigo Andrade [Gerente | Manager]
Eduarda Soletti
Gabriel Caires
Leonardo Vieira

Relações Institucionais | Institutional Relations
Andrea Caldas [Assessora | Advisor]

Museologia | Museology
Ruth Levy [Coordenadora | Coordinator]
Laura Ghelman
João Batista Sousa [Manutenção do acervo | Collection maintenance]
Esther Nascimento [Estagiária | Intern]

Programa de Educação | Educational Program
Carlos Miguez [Coordenador | Coordinator]
Bernardo Novo
Carol Ferniz
Thais Seixas
Clara Benitez [Estagiária | Intern]
Tayná Vianna [Estagiária | Intern]
Victoria Carvalho [Estagiária | Intern]

Administração e Finanças | Administration and Finance
Gabriel Mendes
Samara Soares

Manutenção | Maintenance
Maurício Costa e Silva [Coordenador | Coordinator]
Giuseppe Barros
Rogério Santiago
Ronnie Sousa

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

ROSANA PAULINO – NOVAS RAÍZES |
ROSANA PAULINO – NEW ROOTS

29 de setembro de 2024 — 26 de janeiro de 2025
September 29th, 2024 – January 26th, 2025

Curadoria | Curator
Lucas Albuquerque

Produção | Produced by
AREA27

Revisão de Texto | Proofreader
Rosalina Gouveia

Tradução | Translator
Aïcha Barat

Identidade Visual | Visual Identity
Luana Luna
Lucyano Palheta
[AOQUADRADO]

Montagem Fina | Detailed Installation
KBedim Montagem e Produção Cultural

Iluminação | Lighting
Julio Katona

Molduras | Frames
Everaldo Molduras

Sinalização e Plotagem | Labels and Pannels
Ginga Design

Registro Fotográfico | Photography
Thales Leite

Registro Videográfico | Video Recording
Alessandra De Blasi
Frederico Ferrer
[A&F Art Films]

Assessoria de Imprensa | Press Relations
Palavra

Transporte | Logistics
Atlantis

CATÁLOGO | CATALOGUE

Editora | Published by
AREA27

Coordenação e Produção Editorial | Publishing Coordinator
Rodrigo Andrade Alvarenga

Assistentes Editoriais | Publishing Assistants
Gabriel Caires
Eduarda Ferrari Soletti

Textos | Texts
Lucas Albuquerque

Projeto Gráfico | Graphic Design
AOQUADRADO

Fotografias | Photographs
Thales Leite

Revisão de Textos | Proofreader
Rosalina Gouveia

Tradução | Translator
Aïcha Barat

Agradecimentos | Acknowledgements
Aline Rena
Caio Carpinelli
Everaldo Molduras
Galeria Mendes Wood DM
Irana Gaia
Revista Piauí

Este livro foi publicado pela editora AREA27, no Rio de Janeiro, por ocasião da exposição "Rosana Paulino: Novas raízes", com curadoria de Lucas Albuquerque, realizada na Casa Museu Eva Klabin, de 26 de setembro de 2024 a 19 de janeiro de 2025. Composto nas famílias tipográficas VTC Colorful e Akzidenz-Grotesk. | This book was published in Rio de Janeiro by AREA27 for the exhibition "Rosana Paulino: New roots", curated by Lucas Albuquerque, held at the Eva Klabin House Museum from September 26th, 2024 to January 26th, 2025. The text is set in VTC Colorful and Akzidenz-Grotesk.

